

Educação no campo: humanidade na gestão escolar

Rural education: humanity in school management

Educación en el campo: humanidad en la gestión escolar

Jaqueline da Costa Braz

ORCID: <http://orcid.org/0000-0001-7372-5190>

Universidade Franciscana - UFN, Brasil.

E-mail: jackcostabraz@gmail.com

Diego Carlos Zanella

ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-2180-4011>

Universidade Franciscana - UFN, Brasil.

E-mail: diego.zanella@gmail.com

Marcos Alexandre Alves

ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-5271-0624>

Universidade Franciscana - UFN, Brasil.

E-mail: maralexalves@gmail.com

Janaína Pereira Pretto Carlesso

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8488-1906>

Universidade Franciscana - UFN, Brasil.

E-mail: janapcarlesso@yahoo.com.br

Recebido: 27/02/2019 | Revisado: 27/02/2019 | Aceito: 07/03/2019 | Publicado: 08/03/2019

Resumo

O presente artigo objetiva refletir sobre a educação do Campo e a humanidade na gestão escolar abordando questões referentes ao currículo, relações humanas e a gestão democrática, buscando elementos necessários a serem considerados no processo de gestão escolar, visando à concretização da democratização e humanização dos envolvidos na escola do Campo. O estudo realizado é de cunho qualitativo e o tipo de pesquisa é bibliográfica. A coleta de dados foi feita no período de novembro de 2018 em livros, artigos, monografias, nos repositórios de teses e dissertações das universidades referentes a temática estudada. Conclui-se que a Gestão da escola tem um papel importante para o desenvolvimento de ações voltadas para o processo de ensino e aprendizagem, fazendo com que todos os envolvidos possam estar integrados em

propósitos coerentes e de acordo com o contexto da comunidade a qual se inserem, resgatando valores, crenças e a cultura local.

Palavras-chave: Educação do Campo; Gestão Democrática; Humanidade; Currículo.

Abstract

This article aims to reflect on the education of the Field and humanity in school management addressing issues related to curriculum, human relations and democratic management, seeking the necessary elements to be considered in the school management process, aiming to achieve the democratization and humanization of those involved in the school of the Field. The study is qualitative and the type of research is bibliographical. The collection of data was made in November 2018 in books, articles, monographs, in the repositories of theses and dissertations of the universities referring to the subject studied. It is concluded that School management has an important role for the development of actions aimed at the teaching and learning process, making all involved can be integrated into coherent purposes and according to the context of the community to which they belong , rescuing values, beliefs and the local culture.

Keywords: Rural Education; Democratic Management; Humanity; Curriculum.

Resumen

El presente artículo objetiva reflexionar sobre la educación del Campo y la humanidad en la gestión escolar abordando cuestiones referentes al currículo, relaciones humanas y la gestión democrática, buscando elementos necesarios a ser considerados en el proceso de gestión escolar, con miras a la concretización de la democratización y humanización de los involucrados en la escuela del Campo. El estudio realizado es de cuño cualitativo y el tipo de investigación es bibliográfica. La recolección de datos fue hecha en el período de noviembre de 2018 en libros, artículos, monografías, en los repositorios de tesis y disertaciones de las universidades referentes a la temática estudiada. Se concluye que la Gestión de la escuela tiene un papel importante para el desarrollo de acciones dirigidas al proceso de enseñanza y aprendizaje, haciendo que todos los involucrados puedan estar integrados en propósitos coherentes y de acuerdo con el contexto de la comunidad a la que se insertan , rescatando valores, creencias y la cultura local.

Palabras clave: Educación del Campo; Gestión Democrática; la humanidad; Plan de estudios.

Introdução

A escola do Campo inserida no contexto rural deve comprometer-se com a comunidade escolar para construir caminhos para a transformação social dos sujeitos envolvidos na escola. Partindo da investigação de como a Gestão escolar atua no viés das humanidades e para que a gestão seja democrática valorizando os recursos oriundos da comunidade a qual a escola se insere. Para isto o Campo deve ser visto e valorizado como:

[...] lugar de vida, onde as pessoas podem morar e trabalhar, estudar com dignidade de quem tem o seu lugar, a sua identidade cultural. O campo não é só o lugar da produção agropecuária e agroindustrial, do latifúndio e da grilagem de terra. O campo é espaço e território dos camponeses e dos quilombolas. É no campo que estão às florestas, onde vivem as diversas nações indígenas. Por tudo isso, o campo é lugar de vida e, sobretudo de educação. (MANÇANO e FERNANDES apud TEIXEIRA, 2009, p. 122).

É importante ressaltar que nas escolas do campo é preciso considerar vários aspectos desse contexto, como o ambiente físico tanto da escola quanto da zona rural, as tradições familiares, as condições sociais, entre outras, para entender a dimensão cultural-social e a pluralidade do processo educativo, toda a gestão escolar; ou seja, todos que fazem parte da comunidade escolar, direção, professores, alunos, pais e funcionários podem opinar nas decisões da escola.

A construção da escola democrática constitui, assim, um projeto que não é sequer pensável sem a participação ativa de professores e de alunos, mas cuja realização pressupõe a participação democrática de outros setores e o exercício da cidadania crítica de outros atores, não sendo, portanto, obra que possa ser edificada sem ser em construção. (LIMA, 2002, p. 42).

Neste sentido o Projeto Político Pedagógico da Educação do Campo deve contemplar aspectos que fazem parte de uma gestão democrática, na qual aqueles que constituem a escola tenham voz para opinar e intervir. Onde a comunidade possa participar de atividades pedagógicas coerente com as necessidades dos educandos e o seu ambiente.

Cabe apontar que também o currículo da escola do Campo deve contemplar a formação humana, como forma de resgatar valores e cidadania tão importantes para a formação de seres críticos e atuantes da realidade social.

Nussbaum (2015) afirma que as humanidades são essenciais para a formação de

cidadãos democráticos competentes. Segundo a autora, há uma “crise silenciosa” em que as nações “descartam competências” e “por toda a parte as artes e as humanidades estão tendo seu espaço reduzido, os atributos fundamentais da própria democracia estão sofrendo uma corrosão perigosa” (NUSSBAUM, 2015, p. 15).

Sendo que o ensino das humanidades nas escolas tem ocupado lugar secundário, valorizando mais os conteúdos do que as situações de interação entre os sujeitos da escola como forma de contextualizar as vivências e a ética, na construção de novos caminhos e de cidadãos atuantes da realidade social a qual estão inseridos. Desenvolver a capacidade reflexiva, crítica e dialética que as humanidades oferecem é apostar na formação cidadãos conscientes e não conformados com os rumos de sua sociedade, um sujeito capaz de intervir no meio social, modificando-o.

Desse modo a Educação do Campo deve ser pensada enquanto educação para a Democracia conforme propõe Benevides (1996), que há uma indissociável associação entre democracia e educação política do cidadão. A educação voltada aos direitos dos cidadãos como forma de compreender a sua realidade e participar de forma ativa das mudanças e construções necessárias para o crescimento de todos. A educação para a democracia e para a cidadania implica em formar cidadãos para a vida.

Sendo estes cidadãos responsáveis pelas ações e mudanças na realidade a qual se inserem. As comunidades do Campo necessitam de sujeitos atuantes com vistas ao crescimento tanto na produtividade local, quanto na melhoria das estruturas do local em que se inserem trazendo a coletividade como forma de fortalecimento dos laços de amizade e no resgate da cultura local para que as gerações futuras possam usufruir dos direitos e deveres desta comunidade. A vida no Campo necessita do fortalecimento de ações coletivas com vistas à melhoria da qualidade de vida e para a criação de oportunidades para todos.

A partir de tais considerações, esse estudo objetiva refletir sobre a educação do Campo e a humanidade na gestão escolar abordando questões referentes ao currículo, relações humanas e a gestão democrática, buscando elementos necessários a serem considerados no processo de gestão escolar, visando à concretização da democratização e humanização dos envolvidos na escola do Campo.

Metodologia

O estudo realizado caracteriza-se como uma pesquisa bibliográfica a partir da análise e revisão em materiais já elaborados e publicados sobre a temática, pois segundo Gil (2010) a pesquisa bibliográfica se forma a partir desta exploração em livros e artigos científicos.

A abordagem metodológica é de cunho qualitativo que segundo Gil (2010), é aquela empregada em vários tipos de pesquisas, inclusive nas descritivas, principalmente quando buscam a relação causa-efeito entre os fenômenos e também pela facilidade de poder descrever a complexidade de determinada hipótese ou de um problema, analisar a interação de certas variáveis, compreender e classificar processos dinâmicos experimentados por grupos sociais, apresentar contribuições no processo de mudança, criação ou formação de opiniões de determinado grupo e permitir, em maior grau de profundidade, a interpretação das particularidades dos comportamentos ou das atitudes dos indivíduos.

A coleta de dados foi realizada no período de novembro de 2018, a partir de material já publicado sobre a temática abordada nesse estudo, às fontes bibliográficas utilizadas foram: livros, artigos científicos, monografias, dissertações e teses. Primeiramente foi realizada uma busca nas bases de dados eletrônicas: Scielo, Bireme, e Google Acadêmico, sendo utilizados os seguintes descritores: Educação do Campo, Gestão Democrática, Humanidade e Currículo.

O papel da gestão escolar na educação do campo

Os gestores tem grande importância nas escolas, por serem agentes e organizadores dos aspectos pedagógicos e administrativos da escola, com a função de orientar e coordenar um grupo e uma comunidade escolar. Sendo líderes deste processo, com a tarefa de formar cidadãos, transformando e inovando situações e relacionamentos humanos.

A escola certamente determina as relações internas, inclusive o acolhimento, e do diálogo. No entanto haja desenvolvimento e melhoria na escola “as escolas necessitam de líderes capazes de trabalhar e facilitar na resolução de problemas em grupos, capazes de trabalhar junto com educadores e colegas ajudando-os a identificar suas necessidades de capacitação e adquirir as habilidades necessárias” (LUCK et al, 2002, p. 34). Para que isto ocorra o gestor escolar precisa agir como um mediador do trabalho e incluir sua equipe escolar para promover a transformação e o rompimento de paradigmas já existentes numa sociedade que vive em constantes modificações.

A participação de todos que compõem a comunidade escolar nas decisões da escola, é decisiva na construção de um espaço de diálogo de discussão, troca de ideias e valores. Sendo alicerce para a gestão democrática para o desenvolvimento da unidade escolar e dos

educandos que ela compõe.

O gestor escolar deve manter um diálogo aberto expondo o que acontece na escola para a comunidade escolar, de forma responsável e transparente, recebendo as contribuições e as aspirações de sua comunidade. Sendo a ferramenta essencial para o trabalho da gestão democrática nas escolas do campo a participação. Se a gestão não for participativa não existe gestão democracia. Para que se efetive a gestão democrática o gestor deve acreditar em si, fazendo da unidade escolar um elo entre a sociedade e o aluno, trazendo para a sua realidade um espaço de discussão e de prática social, sendo mediador do conhecimento, responsável, ético, leal e amigo de toda a comunidade escolar.

A gestão escolar aos ser atuante na escola tem que contribuir e apoiar com ações inovadoras, tanto na teoria quanto na prática. Tornando assim, a gestão democrática:

o diretor enfaixa em suas mãos uma grande soma de responsabilidades, na verdade é responsável por tudo o que se passa na escola [...]. Precisa ter certa dose de conhecimento da atividade técnica realizada pelo grupo sob seu comando, sem que isto signifique que ele tenha de desempenhá-las pessoalmente. (DIAS, 2001, p. 274).

Saber ouvir e oportunizar aos demais integrantes da escola a oportunidade de falar e de sugerir alternativas de mudança na escola. Toda opinião pode ser construtiva tanto pedagógica quanto administrativamente. Assim, como todos aprendem e ensinam constantemente, a gestão escolar também precisa de opiniões para gerenciar a escola. Conversar com alunos, professores e pais a respeito dos assuntos tratados em uma escola do campo é possível, pois geralmente moram em lugar menor e o número de alunos é pequeno. Conforme as Diretrizes Operacionais para a Educação Básica nas Escolas do Campo, aprovadas em 2001, será necessário o desenvolvimento de:

Propostas pedagógicas que valorizem, na organização do ensino, a diversidade cultural e os processos de interação e transformação do campo, a gestão democrática, o acesso do avanço científico e tecnológico e respectivas contribuições para a melhoria das condições de vida e a fidelidade aos princípios éticos que norteiam a convivência solidária e colaborativa nas sociedades democráticas (Brasil, 2001, p. 25).

Neste sentido a educação do campo deve estar voltada a cultura, a busca da sociabilidade para ampliar as oportunidades de vida e de trabalho no campo. Implica em ampliação dos recursos e dos espaços escolares, bem como a qualificação profissional dos educadores e a construção de um currículo que valorize os valores de sua comunidade.

Para Leite (1999) A função primordial da escola é ensinar, transmitir valores e traços

da história e da cultura de uma sociedade. A função da escola é permitir que o aluno tenha visões diferenciadas de mundo e de vida, de trabalho e de produção, de novas interpretações de realidade, sem, contudo, perder aquilo que lhe é próprio, aquilo que lhe é identificador. (LEITE, 1999, p. 99).

A escola deve valorizar e conhecer e incorporar as vivências sociais desenvolvidas no contexto do campo, fazendo as mediações com o conhecimento universal. Para tanto é necessário conhecer, pesquisar e interagir com os sujeitos e as especificidades do meio em que vivem. Sendo que as práticas pedagógicas devem incorporar as manifestações culturais desenvolvidas naquele contexto.

O currículo das escolas do Campo deve ser inovador, instigador, reflexivo levando o aluno a contextualizar a realidade em que vive. Neste sentido o Projeto Político Pedagógico para Educação do Campo deverá contemplar questões que fazem parte de uma gestão democrática, na qual aqueles que constituem a escola tenham voz para opinar e intervir. Onde este instrumento de representação social contemple: a realidade local, oportunizando a participação da comunidade Rural em atividades pedagógicas coerentes com as necessidades dos educandos e o seu ambiente.

Os educadores das escolas do campo devem estar preparados para valorizar a realidade dos seus alunos em seu planejamento, trazendo para a sala de aula as vivências e a cultura local como forma de enriquecer o trabalho e o resgate de valores essenciais.

Brandão (1983) ressalta a valorização da vida comunitária, associando-as às práticas educacionais que remetem a situação de trabalho, convivência, transcendência; a dimensão do coletivo, do fazer/aprender junto; do saber compartilhado através de trocas afetivas, simbólicas e materiais.

Isto pressupõe a ressignificação de espaços na escola para a valorização da cultura local, da sustentabilidade, do trabalho em conjunto entre os sujeitos envolvidos no espaço rural. Ou seja, para que se efetive a gestão democrática na escola do campo é necessário que a prática educativa contribua para o desenvolvimento das relações sociais do campo. A escola atua como espaço de valorização das relações sociais e culturais dos sujeitos do campo.

Para Morin (2003), o conhecimento das informações ou dos dados isolados é insuficiente. É preciso situar as informações e os dados em seu contexto para que adquiram sentido. Ressalta o autor que uma sociedade é mais que um contexto: é o todo organizador de que fazemos parte. O planeta Terra é mais do que um contexto: é o todo ao mesmo tempo organizador e desorganizador de que fazemos parte.

Para isto, a educação deve favorecer a aptidão natural da mente em formular e resolver problemas essenciais e, de forma correlata, estimular o uso total da inteligência geral. Este uso total pede o livre exercício da curiosidade, a faculdade mais expandida e a mais viva durante a infância e a adolescência, que com frequência a instrução extingue e que, ao contrário, se trata de estimular ou, caso esteja adormecida, de despertar.

Partindo desta reflexão cabe destacar a relação entre ensino e currículo, ou seja,

[...] é preciso ver o ensino não na perspectiva de ser atividade instrumento para fins e conteúdos pré-especificados antes de empreender a ação, mas como prática, na qual esses componentes do currículo são transformados e o seu significado real torna-se concreto para o aluno/a. (SACRISTÁN; GOMÉZ, 2000, p. 123).

Cabe aos gestores, aos educadores e aos integrantes da comunidade escolar pensar este fazer pedagógico que possa contemplar as dimensões do humano como elemento central e fundamental do cotidiano e das vivências para então refletir sobre ética, conhecimento, cidadania, interações sociais e relações humanas com o espaço e com a natureza.

Morin (2013) ressalta que:

a educação do futuro deverá ser o ensino primeiro e universal, centrado na condição humana. Estamos na era planetária; uma aventura comum conduz os seres humanos, onde quer que se encontrem. Estes devem reconhecer-se em sua humanidade comum e ao mesmo tempo reconhecer a diversidade cultural inerente a tudo que é humano. (MORIN, 2013, p. 40).

Também critica a fragmentação científica do conhecimento e propõe um novo paradigma que considere as relações sociais em constante interação entre si e que não considere a Ciência como a única forma de conhecimento (MORIN, 2000).

Nussbaum (2015) destaca que o desenvolvimento da compreensão tem sido um fator preponderante dos principais conceitos atuais sobre educação democrática, tanto nos países ocidentais quanto nos não ocidentais. Se há o interesse de desempenhá-lo de modo eficaz, as escolas e as universidades devem reservar um espaço de relevância no currículo para as humanidades e para as artes, avultando uma forma de educação participativa, que estimule e

aprimore a aptidão de percepção do mundo através da ótica do outro.

Segundo Arroyo (2003), a teoria pedagógica se revitaliza sempre que se reencontra com os sujeitos da própria ação educativa. Sendo que para a revitalização da teoria pedagógica o caminho mais fecundo é refletir sobre a condição humana, suas dimensões e virtualidades formadoras e deformadoras, humanizadoras ou desumanizadoras presentes nos processos sociais e, sobretudo nos movimentos de humanização e libertação.

Fernandes (1989) ressaltou que:

A transformação da Educação depende, naturalmente, de uma transformação. Global e profunda da sociedade; a própria Educação funciona como um dos fatores de democratização da sociedade, e o sentido de qualquer política educacional democrática têm em vista determinadas transformações essenciais da sociedade. Em termos de uma visão sintética, e totalizadora, diríamos que a educação e a democratização da sociedade são entidades reais e processos concretos interdependentes – um não se transforma nem pode transformar-se sem o outro. (FERNANDES, 1989, p. 203)

É importante que a educação no campo se coloque na luta pelos direitos: direito ao saber, ao conhecimento, à cultura produzida socialmente. Arroyo, Caldart, Molina (2004) consideram a educação como direito do homem, da mulher, da criança, do jovem do campo. Para os autores, é fundamental que a educação pense o desenvolvimento levando em conta os aspectos da diversidade, da situação histórica particular de cada comunidade, os recursos disponíveis, as expectativas, os anseios dos que vivem no campo.

Segundo Caldart (1997) os educadores/as do campo estão em movimento na realidade camponesa, buscando processos alternativos que venham a construir uma educação básica do campo. Encontram-se na contramão da história dos dominantes, buscando incentivar a recriação de um movimento social e cultural que valorize a identidade de cada comunidade. Destas alternativas surgem práticas pedagógicas alternativas e inovadoras que enriquecem os debates e a reflexão do projeto de uma educação voltada para a realidade do campo e de seus respectivos atores.

Os projetos educativos das escolas do Campo devem priorizar o humano e as transformações decorrentes do processo de humanização proposto em seus projetos educativos. Qualquer prática educativa se baseia numa concepção de ser humano, numa visão de mundo e num modo de pensar os processos de humanização e formação do ser humano (CALDART, 2010).

Para Silva (2005), é preciso ter clareza sobre qual ser humano pretende-se formar, quais os valores, os objetivos, a visão de sociedade e da função da escola. Isso porque cada

modelo de ser humano e de sociedade corresponde um tipo de currículo. No cerne das questões do currículo aparecem questões relativas à identidade e à subjetividade (SILVA, 2005, p. 15), por isso as teorias do currículo não são neutras.

Na prática diária os educadores e gestores das escolas do Campo devem priorizar as trocas de saberes de todos os envolvidos, para que os currículos estejam de acordo com as necessidades da comunidade, levando em consideração a formação humana, integral, democrática, coletiva e solidária resgatando valores e a cultura local.

Nesse sentido, Silva (2010) afirma que:

Nas discussões cotidianas, quando pensamos em um currículo pensamos apenas em conhecimento, esquecendo-nos de que o conhecimento que constitui o currículo está inextricavelmente, centralmente, vitalmente, envolvido naquilo que somos, naquilo que nos tornamos: nossa identidade, na nossa subjetividade (SILVA, 2010, p. 15).

Para que o currículo possa contemplar as diversas dimensões da realidade é necessário que as discussões sobre o currículo estejam pautadas na dimensão humana, quanto à identidade e as relações estabelecidas entre os sujeitos da comunidade escolar.

Considerações finais

O estudo realizado apontou que a gestão escolar da escola do Campo tem grande importância na articulação de saberes e fazeres voltados a realidade local. Nesse contexto, os projetos educativos das escolas do campo devem ser pensados de forma integrada ao contexto social, dando uma dimensão política à prática educativa, tornando-as cada vez mais comprometidas com a transformação social.

Portanto, a gestão de uma escola do campo, deve atuar em conjunto com a comunidade escolar com vistas a compartilhar seus desafios com as demais pessoas que envolvem o processo educativo para que possam opinar e participar ativamente na construção de uma educação de qualidade. Diagnosticar alternativas de melhorar o processo educativo com a participação de todos, enriquece o processo de ensino-aprendizagem dos alunos. Como pontua Caldart (2004), uma escola do Campo não é final, um tipo diferente de escola, mas sim é a escola reconhecendo e ajudando a fortalecer os povos do campo como sujeitos sociais que também podem ajudar no processo de humanização do conjunto da sociedade, com suas lutas, sua história, seu trabalho, seus saberes, sua cultura, seu jeito. (CALDART, 2004, p. 110).

A escola do Campo é sem dúvida um espaço rico de oportunidades para as comunidades rurais, pois oportuniza as trocas e as vivências coletivas e a formação de cidadãos. Os gestores e educadores devem constantemente refletir suas práticas para que possam garantir de fato a escola possa contribuir para a humanização e transformação da realidade existente. Cabe aos educadores e a todos os envolvidos na escola resgatar e valorizar o ensino de humanidades nas escolas, pela importância que tem na formação humana integral do aluno, bem como na construção da verdadeira cidadania.

Entendendo a escola como meio para que os alunos e a comunidade a qual se inserem possam ser articuladoras de novos conhecimentos, sendo local de crescimento e de aprendizado significativo, dando oportunidades e desafios ao coletivo desta comunidade para que a vida e os sonhos sejam concretizados em espaços de discussão e coletividade. Só assim teremos currículos elaborados de maneira significativa para a vida do aluno e de suas famílias, buscando a sustentabilidade como forma de vida e as relações saudáveis de convívio em harmonia. As escolas do Campo por meio de ações da Gestão escolar e dos educadores tem um papel importante na oferta do ensino voltado ao Campo e para que isto ocorra de maneira significativa, à construção deve ser coletiva com a participação de todos os envolvidos nesse processo.

Referências

Arroyo, M.G (2004). *A educação básica e o movimento social do campo*. In: Arroyo, M.G; Caldart, R.S; Molina, M.C. Por uma educação do campo. Petrópolis: Vozes.

Arroyo, M.G (2008). *Gestão Democrática: recuperar sua radicalidade política?* In: Cristina Correa, B.C; Garcia, T.O (orgs.). Políticas Educacionais e organização do Trabalho na escola. São Paulo: Xamã..

Benevides, M.V.M. (1996). *A Cidadania ativa: referendo, plebiscito e iniciativa popular*. 2. ed. São Paulo: ática.

Brasil. Ministério Da Educação/Cne. *Resolução CNE nº1 – de 03 de Abril de 2002. Diretrizes Operacionais para a Educação nas Escolas do CAMPO*. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=13800-rceb001-02-pdf&category_slug=agosto-2013-pdf&Itemid=30192. Acesso em: 10 Jan. 2019.

Caldart, R.S (1997). *Educação em Movimento: Formação de Educadoras e Educadores no MST*. Petrópolis: Vozes.

Caldart, R. S (2004). *A escola do campo em movimento*. In: Arroyo, M.G; Caldart, R.S; Molina, M. Currículo Sem Fronteiras, 3(1), 28-49. Acesso em 05 Jan.2019.

Dias, J.A (2001). *Gestão da Escola*. In: Meneses, J. G de C. (Org.). Estrutura e Funcionamento da Educação Básica. São Paulo: Thomsin Learning.

Fernandes, B.M.; Molina, M.C. (2004). *O campo da Educação do Campo*. In: Molina, M.C.; Jesus, S.M.S.A de (ORGS.). Contribuições para a construção de um projeto de Educação do Campo. Brasília, DF: Articulação Nacional “Por Uma Educação do Campo”.

Fernandes, F. (1989). *O desafio educacional*. São Paulo: Cortez.

Junior, A.F.S. (2011) Por uma educação do campo: percursos históricos e possibilidades. Entrelaçando revista eletrônica de culturas e educação. *Caderno temático: cultura e educação do campo*. 2 (3). Disponível em: <https://www2.ufrb.edu.br/revistaentrelacando/index.php/edicoes-entrelacando/5-educacao-do-campo-03>. Acesso em: 05 Jan. 2019.

Lück, H. (2000). Perspectiva da gestão escolar e implicação quanto a formação de seus gestores. Em aberto. Brasília, 72, p. 1-3.

Morin, E (2003). *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. 8. ed. Perdizes, São Paulo: Cortez.

Morin, E (2000). *Complexidade e transdisciplinaridade: a reforma da universidade e do ensino fundamental*. Natal: Editora UFRN.

Nussbaum, M. (2015). *Sem fins lucrativos: por que a democracia precisa das humanidades*. São Paulo: WMF Martins Fontes.

Sacristán, J.G; Gómez, A.P (2000). *Comprender e transformar o ensino*. Porto Alegre: Artmed.

Silva, T.T. (2005). *Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica.

Silva, T.T. (2010). *Documentos de identidade: uma introdução às teorias de currículo*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica.

Teixeira, M.F. (2009). *Educação do campo e formação de educadores: o duelo entre hegemonia e resistência*. In: Coutinho, A.F (Org.). *Diálogos sobre a questão da reforma agrária e as políticas de educação do campo*. São Luís: EDUFMA.

Porcentagem de contribuição de cada autor no manuscrito

Jaqueline da Costa Braz – 40%

Diego Carlos Zanella- 20%

Marcos Alexandre Alves – 20%

Janaína Pereira Pretto Carlesso – 20%